

## Teletandem: desafios, sucessos e reflexões sobre a expressão oral em espanhol como língua estrangeira na UFS

*Teletandem*: challenges, achievements and reflexions concerning the oral expression in Spanish as a foreign language at UFS

**Gabriela Rodrigues Botelho**  <https://orcid.org/0000-0003-4738-6724>  
Universidade Federal de Sergipe - UFS  
gabibotelho@hotmail.com

### Resumo

Para promover a prática de compreensão e expressão oral, podemos nos apoiar em propostas que estimulem os multiletramentos, como defende Baptista (2016). Nesse sentido, nosso objetivo foi investigar como o *Tandem* (conjunto de princípios e procedimentos que direcionam a conversação em língua estrangeira) e o *Teletandem* (aplicação do *Tandem* em ambiente virtual síncrono) podem colaborar para o desenvolvimento da expressão oral de dez alunos (as) de licenciatura em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Para tanto, analisamos os questionários de autoavaliação respondido pelos (as) participantes que demonstram diversos aspectos nos quais o *Teletandem* pode favorecer a aprendizagem e prática da expressão oral. Essa análise se enquadra na área de pesquisa da Linguística Aplicada e classifica-se como um estudo de caso único de cunho qualitativo. Primeiramente, contextualizamos a pesquisa, a elaboração do projeto e sua aplicação que ocorreu entre janeiro e fevereiro de 2019. Em seguida, apresentamos a fundamentação teórica com base em Vasallo e Telles (2009), Furtuoso (2011) e Aranha e Cavalari (2014). Sobre o ensino de línguas e expressão oral, pautamo-nos em: Baralo (2000) e Pinilla (2004). E, fundamentamo-nos, em estudos concernentes ao uso da tecnologia na sociedade e em contexto de ensino, como em: Kenski (1998), Leffa (2002) e La Corte (2015). Concluimos que a partir do *Teletandem* é possível otimizar a compreensão e expressão oral em língua estrangeira, bem como, engajar os (as) alunos (as) em sua própria aprendizagem.

**Palavras-chave:** Segunda língua. Ensino da expressão oral.

### Abstract

In order to promote the practice of oral comprehension and expression, we can work with methods that encourage multiliteracies, as advocated by Baptista (2016). In this sense, our goal was to investigate how *Tandem* (a set of principles and procedures



that guide the foreign language conversation) and *Teletandem* (Tandem synchronous virtual application) may contribute to the development of oral production of ten undergraduate students of Languages Arts Program from the Federal University of Sergipe (UFS). To do so, we analyzed the participants' self-evaluation questionnaires that show a series of aspects in which *Teletandem* may assist oral expression learning and practice. This research, qualitative in nature, is inserted in the Applied Linguistics field and classified as a unique case study. Firstly, we contextualized the research, the project details and its application, which happened between January and February, in 2019. Afterwards, we presented the theoretical support based on Vasallo and Telles (2009), Furtuoso (2011) and Aranha and Cavalari (2014). Concerning the teaching of languages and oral expression, the study is based on Baralo (2000) and Pinilla (2004) works. Regarding the use of technology in society and in teaching context, it is based on Kenski (1998) and Leffa (2002) works. We concluded that *Teletandem* can help students improve their oral comprehension and expression in a foreign language, as well as engaging them in their own learning.

**Keywords:** Second language. Teaching oral expression.

## Introdução

A proposta de conversação em *Tandem* originou-se por volta dos anos 60 na Alemanha, compondo a parte final dos cursos bilíngues, quando os (as) aprendizes praticavam, presencialmente, diálogos prontos em língua estrangeira (LE). Após esse período, segundo Vassalo e Telles (2009), a conversação em *Tandem* passou a ser feita de diversas maneiras sendo a mais comum quando dois falantes de língua materna (LM) distintas praticavam a língua do outro, nesse formato os encontros poderiam acontecer em lugares públicos. Também era comum um falante fluente de um idioma auxiliar a aprendizagem do outro, através da conversação, independentemente de terem vínculo com uma instituição, de serem nativos do idioma ou terem alguma formação acadêmica. Esse contexto colaborativo de aprendizagem se espalhou pelo mundo e, com o avanço tecnológico, passou a ser feito também a distância. Em suma:

[...] o tandem é realizado por meio de sessões bilíngues frequentes, com finalidades didáticas. São encontros estabelecidos em consenso por dois falantes de diferentes línguas que não são necessariamente nem nativos, nem professores com licenciatura. Ambos estão interessados em estudar a língua estrangeira na qual o outro é mais proficiente (VASSALO; TELLES, 2009, p. 19).

De acordo com os autores, nos anos 90, essa formatação chegou às universidades e a partir da Rede Internacional de *Tandem*, foram criados três princípios para direcionar a conversação: a separação de línguas, reciprocidade e autonomia. A separação das línguas prevê que cada idioma seja utilizado em um momento específico da sessão. Já o princípio de reciprocidade garante a equidade na parceria, e a autonomia gera liberdade para negociar horários, frequência e a dinâmica dos encontros.

Assim, a aprendizagem colaborativa entre dois ou mais estudantes de língua, regida pelos três princípios citados, caracterizam a interação em *Tandem*, estando ou não respaldados por uma instituição. Já o *Teletandem*, corresponde a versão desse tipo de conversação realizada através de programas de informática que permitem o contato por áudio e vídeo em tempo real, como o *Skype*, por exemplo, usado nas



interações dessa pesquisa. O projeto *Teletandem* Brasil: Língua Estrangeira para todos, realizado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), em 2006, foi a primeira experiência desse tipo de conversação no país.

Na Universidade Federal de Sergipe (UFS), o projeto *Teletandem* foi aplicado em caráter piloto, entre janeiro e fevereiro de 2019, como parte da pesquisa monográfica desta pesquisadora para a Especialização em Multiletramentos na Educação Linguística e Literária em Espanhol, ofertada pelo Departamento de Letras Estrangeiras (DLES) e o Programa de Pós-Graduação em Letras. O objetivo foi proporcionar um contexto autêntico de uso da língua espanhola aos alunos (as) de graduação em Letras Espanhol da UFS e investigar como o *Teletandem* pode colaborar para a expressão oral (EO).

Para tanto, utilizamos a modalidade de *Teletandem* institucional não integrado, como explicam Aranha e Cavallari (2014), no qual duas instituições parceiras selecionam seus alunos (as) para serem parceiros de conversação. Nesse caso, a atividade de interação oral não faz parte de um curso ou disciplina de ambas instituições, sendo uma atividade a parte, para quem tem interesse em praticar oralmente uma LE. A instituição parceira foi o Instituto Casa do Brasil Internacional, sediada em Quito no Equador, da qual foram selecionados (as) sete estudantes do curso Português para Estrangeiros, matriculados em diferentes níveis, e dez alunos (as) do curso de Letras Espanhol da UFS, que frequentavam a disciplina de Prática Oral de Língua Espanhola II, formando, assim, duplas e trios de conversação. Todos os participantes foram voluntários.

O nivelamento dos participantes, de acordo com sua proficiência na LE, é previsto nos procedimentos do *Teletandem*, porém, optamos por não fazer esse tipo de seleção, já que outros critérios, como disponibilidade de horário equivalente às possibilidades da instituição parceira, foram mais determinantes. Além disso, entendemos que o *Teletandem* pode ser praticado em qualquer nível linguístico, uma vez que as metas são traçadas pelos (as) próprios interagentes. Assim sendo, sugerimos a criação de um vídeo de apresentação que ficou disponibilizado *on-line*, para que todos pudessem se conhecer e a partir da identificação entre os envolvidos e dos seus critérios de escolha, as duplas e trios foram formados.

As atividades do *Teletandem* se dividiram em um minicurso preparatório de três encontros, ministrado presencialmente apenas para os (as) estudantes brasileiros (as), nos quais discutimos sobre os princípios do *Tandem*, sobre o ambiente digital e suas possibilidades para conversação e sobre os instrumentos geradores de dados para a pesquisa. Em seguida, tivemos oito encontros virtuais com todos os participantes, nos quais as interações orais foram realizadas. E, por fim, tivemos um encontro presencial com os brasileiros (as) como encerramento. Os alunos (as) equatorianos (as) interagiram de suas casas e os (as) brasileiros (as) do Laboratório de Línguas do DLES na UFS.

Durante os oito encontros para conversação, cada dupla ou trio tinha autonomia para escolher um tema de conversa, os aspectos linguísticos que seriam explorados, como ocorreriam as correções, a ordem das línguas a serem praticadas e como seria desenvolvida a dinâmica das interações. Nesse caso, os interagentes tinham 20 minutos para falar em português, 20 minutos para falar em espanhol, 10 minutos para sanar possíveis dúvidas e 10 minutos para preencher o questionário de autoavaliação, totalizando uma hora de encontro. Dessa forma, o falante mais proficiente na língua que estava sendo usada auxiliava o companheiro (a) em sua aprendizagem e prática.



Dentre os instrumentos geradores de dados para este artigo, analisamos os questionários de autoavaliação, que foram respondidos pelos alunos (as) brasileiros (as) após cada interação. O objetivo era que os próprios participantes avaliassem seu desempenho autonomamente, engajando-se em sua aprendizagem e observando as facilidades e dificuldades ao exercer sua performance oral. Com vistas a responder a seguinte questão investigativa: Como o *Teletandem* pode colaborar para o desenvolvimento da EO de dez alunos (as) de licenciatura em Letras da UFS?, fizemos uma avaliação predominantemente qualitativa dos questionários que resultou em respostas positivas em relação à colaboração do *Teletandem* para a prática da oralidade. Essa avaliação será quantificada em gráficos, na seção de análise deste artigo, e, logo apresentamos exemplos das respostas dos alunos (as) para ilustrar e fundamentar os resultados qualitativos da investigação.

Esta pesquisa se enquadra na área da Linguística Aplicada. Sua abordagem é qualitativa, do tipo exploratória e classifica-se como um estudo de caso único. O objetivo é apresentar os resultados obtidos através da aplicação do projeto *Teletandem* realizado em caráter piloto na UFS. Justifica-se essa pesquisa como uma forma de otimizar a oralidade em LE no ensino superior através da tecnologia digital. Uma vez elucidados os participantes da pesquisa, seu contexto, o que é o *Tandem* e o *Teletandem*, na próxima seção, apresentamos o aporte teórico empregado neste trabalho. Em seguida, detalhamos a metodologia de análise e os resultados obtidos. Por fim, expomos nossas conclusões.

## **Desafios do *Teletandem* na UFS**

Promover a aprendizagem e prática da oralidade em LE tem se mostrado um desafio ao longo das mudanças metodológicas que fundamentam o ensino de línguas, principalmente em contextos como o de Sergipe, que está fora dos grandes centros e das fronteiras linguísticas. Do mesmo modo, atrelar o uso de tecnologia digital às atuais propostas de ensino também tem se mostrado uma tarefa desafiadora, uma vez que essa se faz cada vez mais presente no cotidiano dos (as) alunos (as), mas nem sempre na rotina de aprendizagem. Por isso, ao proporcionar a prática de EO em língua espanhola através do *Teletandem* na UFS, pretendeu-se preencher essas duas lacunas.

### **Expressão oral: teoria e prática**

Segundo Baralo (2000), a exposição à LE nem sempre acontece com qualidade, já que a oralidade está cada vez mais acompanhada de ruídos, audiovisual e inúmeras informações que um falante deve dominar para conseguir se comunicar. Essa característica do uso da língua tem se intensificado e nos remete aos multiletramentos, como em Baptista (2016, p. 69), ao afirmar que a aprendizagem de LE, inclusive a EO depende de uma junção de saberes:

[...] é preciso ter em conta essa diversidade e multiplicidade de linguagens e culturas no ensino de línguas e, notadamente, no do espanhol. Para tanto, é necessário, por um lado, transcender uma visão monolíngue e monocultural, e, por outro, proporcionar acesso aos variados modos de apresentação textual, por meio de práticas de leitura socioculturalmente engajadas e significativas, que demandam dos sujeitos a mobilização de habilidades específicas direcionadas à compreensão de que forma como os diversos modos semióticos de representação como o linguístico, imagético, visual, sonoro, gestual e espacial, por exemplo, se integram na composição dos sentidos.



Considerando-se a complexidade da linguagem apresentada na citação, vemos a conversação via *Teletandem* como uma possibilidade de descentralizar o aspecto monolíngue do ensino de LE, proporcionando o desenvolvimento de duas línguas distintas como uma oportunidade de exercitar diversas habilidades linguísticas, mesmo que o foco seja a oralidade, e como um meio de explorar diferentes modos de comunicação, além da interação síncrona. Destacamos, também, o intercâmbio cultural como um aspecto intrínseco a seu desenvolvimento. Na aprendizagem de línguas, é importante atentar para os pontos mencionados, bem como para as ponderações previstas por Baptista (2016), além de considerar os aspectos próprios da EO.

Para Baralo (2000), o aspecto cognitivo da aprendizagem de LE se relaciona à aprendizagem da palavra, que implica reconhecer seu som, saber articulá-lo e apoderar-se do seu conceito. Entendemos que esse processo pode caracterizar a aprendizagem da língua como um todo, uma vez que estabelece relação com aspectos específicos da língua e com aspectos mais gerais do uso da linguagem. Portanto, concordamos com Pinilla (2004), ao afirmar que a EO está intimamente relacionada à compreensão oral, pois ambas são necessárias para o processo de comunicação, contribuindo para o conhecimento geral do uso da linguagem. Também concordamos com a seguinte definição de EO:

A expressão oral é uma das atividades de comunicação que pode ser desenvolvida durante um ato comunicativo e mediante a mesma processamos, transmitimos, trocamos e negociamos informação com um ou vários interlocutores (PINILLA, 2004, p. 879, tradução nossa).<sup>1</sup>

O propósito de aplicação do *Teletandem* neste trabalho foi a prática da EO, mas cabe ressaltar que esta não se separa da compreensão oral, que é definida por Berges (2004, p. 899, tradução nossa) da seguinte maneira:

Entender um enunciado tem dois aspectos: por um lado se decodificam os signos linguísticos, e por outro, se salva a distância que vai entre o dito e o implicado, e isto se faz mediante inferência. Para realizar esse trabalho de inferência o ouvinte leva em conta o contexto concreto de cada enunciado.<sup>2</sup>

Assim, entendemos que os exercícios de simulação, debates, conversação em sala entre outras propostas, são formas autênticas de prática e aprendizagem de uma LE, sem tirar seu caráter de sala de aula, como afirma Baralo (2000). Essas atividades podem ser complementadas pelo *Teletandem*, por ser um exercício em contexto autêntico, ou seja, em uma situação que exige de fato o uso da LE e as estratégias necessárias para comunicação real, sendo mais uma etapa de aprendizagem, em um contexto de enunciado concreto.

Revuz (1998) acrescenta ainda o envolvimento emocional como um fator importante na performance da EO em LE, por isso, concordamos com a autora, ao defender que língua é sentido. Segundo seus estudos, o desempenho físico e cognitivo do (a) falante depende, em parte, do quanto esse processo faz sentido para sua aprendizagem, já que as mudanças físicas, as novas articulações, a compreensão, a

---

<sup>1</sup>“La expresión oral es una de las actividades de comunicación que se puede desarrollar durante un acto comunicativo y mediante la misma procesamos, transmitimos, intercambiamos y negociamos información con uno o varios interlocutores” (PINILLA, 2004, p. 879).

<sup>2</sup>“Entender un enunciado tiene dos aspectos: por un lado, se decodifican los signos lingüísticos, y por otro, se salva la distancia que va entre lo dicho y lo implicado, y esto se hace mediante inferencia. Para llevar a cabo esa labor inferencial el oyente tiene en cuenta el contexto concreto de cada enunciado” (Berges, 2004, p. 899).





assimilação rítmica e psíquica da LE pode interferir no momento da EO. Desse modo, é importante que as atividades desenvolvidas tenham significado para o (a) aprendiz, não sendo apenas exercícios mecânicos e que considerem as preferências do (da) falante para ser motivador, como vemos:

Objeto de conhecimento intelectual, a língua é também objeto de uma prática. Essa prática é, ela própria, complexa. Prática de expressão, mais ou menos criativa, ela solicita o sujeito, seu modo de relacionar-se com os outros e com o mundo; prática corporal, ela põe em jogo todo o seu aparelho fonador. Sem dúvida, temos aí uma das pistas que permitem compreender porque é tão difícil aprender uma língua estrangeira (REVUZ, 1998, p. 216).

A autora ressalta que a aprendizagem de uma LE requer um esforço corporal e intelectual ao mesmo tempo, demonstrando novamente a sua complexidade. No *Teletandem*, este esforço é exigido, porém, de forma autônoma e colaborativa, ou seja, é possível que cada interagente, em acordo com seu parceiro (a), defina e redefina as metas e exigências para seu desempenho. Destarte, não basta falar, ou cumprir uma tarefa, é preciso saber o que faz sentido para a própria aprendizagem e o quanto se está disposto a desafiar suas potencialidades. Em suma, mais do que estruturas ou pronúncia corretas, ter sucesso na comunicação através do *Teletandem* pressupõe a exposição diante do outro de forma prazerosa, sendo isso uma oportunidade de identificar possíveis falhas. Por isso, vemos o erro na EO, a partir da perspectiva de Eres Fernandez e Maciel (2007): uma etapa natural da aprendizagem.

Nesse sentido, o *Teletandem* não se preocupa em encontrar ou solucionar possíveis erros na EO dos participantes, mas em auxiliá-los a identificar como essa proposta pode ser útil para amenizar suas dificuldades e a aperfeiçoar a língua alvo. Buscamos, ainda, demonstrar como o ambiente digital pode aproximar falantes de uma mesma LE, compartilhando seus conhecimentos para além da sala de aula, como vemos no próximo tópico.

### **Tecnologia digital e interação virtual**

A tecnologia digital tem sido utilizada na aula de línguas de diversas maneiras. Kenski (1998) aponta quatro modalidades da relação professor (a)/aluno (a)/tecnologia. A primeira apresenta o (a) professor (a) como detentor do conteúdo, podendo ser substituído pela tecnologia, através de um vídeo, programa de rádio ou conferência. A segunda modalidade, apresenta o (a) professor (a) como negociador, intermediando discussões sobre um conteúdo apreendido fora da sala. Já a terceira modalidade vê a tecnologia como ferramenta de pesquisa, sendo o (a) aluno (a) agente de suas descobertas, e ao (a) professor (a) cabe orientar os alunos (as) para o entendimento dos resultados obtidos. Por fim, a quarta modalidade vê professores (as) e alunos (as) como “colaboradores, utilizando os recursos multimidiáticos em conjunto, para realizarem buscas e trocas de informações, criando um novo espaço de ensino — aprendizagem em que ambos aprendem” (KENSKI, 1998, p. 68).

Entendemos que as modalidades apresentadas coexistem em diversos contextos de ensino. Entretanto, a quarta possibilidade é a que melhor retrata a proposta de interação virtual que defendemos neste trabalho, pois redefine os papéis de alunos (as) e professores (as), além de propor novos espaços de aprendizagem, seja físico, como o uso de laboratórios de informática ou virtuais, como o ciberespaço. O contato com outros falantes de LE através do *Teletandem* também pode contribuir para a troca de saberes, de conhecimentos linguísticos e culturais, pois, como afirma Leffa (2002),



na contemporaneidade as inteligências, para além do professor e do material de ensino, se fazem relevantes e necessárias para suprir as demandas de aprendizagem.

A prática da EO pressupõe o contato com o outro, também falante da LE, pois, sendo nativo ou não, ter contato com alguém que seja proficiente na língua alvo pode agregar conhecimentos práticos, melhorar a fluência, além de fortalecer as estratégias de comunicação, que nem sempre são possíveis contemplar apenas na sala de aula. Assim, com o *Teletandem*, estimula-se o esforço para entender e fazer-se entender, de modo que ambos compartilham suas inteligências. A interação virtual, por conta da internet, ficou mais frequente e facilita a colaboração entre pares; portanto, utilizar a tecnologia digital, algo viável no ensino universitário, é uma forma de ampliar as possibilidades de aprendizagem. Por isso, concordamos com La Corte (2015), ao afirmar que o ensino passa cada vez mais a se caracterizar como híbrido.

Na prática do *Teletandem*, a hibridez do ensino se caracteriza pelos falantes nesse contexto, poderem pôr em prática o que foi estudado em sala. Além disso, o *Teletandem* prevê atividades de mediação, que consistem na reflexão sobre as conversas e os aspectos linguísticos praticados, guiados por uma professora mediadora ou mesmo em conjunto com os demais participantes. Assim, a atividade como um todo depende do ambiente virtual e presencial para consolidar o conhecimento. Portanto, em nossa análise, buscamos entender como se dava a comunicação: se os (as) participantes puderam identificar suas facilidades e dificuldades linguísticas em relação à pronúncia e à compreensão oral, por exemplo; como a fluência foi otimizada; se foi possível perceber e praticar novas estruturas da língua alvo; e como o contexto de conversação virtual colaborou para a comunicação e desenvolvimento da EO.

## Sucessos e reflexões sobre o *Teletandem* na UFS

O uso de questionários, diários, relatórios reflexivos ou fichas de anotações são uma característica do *Teletandem*, para que os (as) participantes avaliem sua aprendizagem. São exemplos de uso desses instrumentos o trabalho de Aranha e Cavallari (2014) através de diários reflexivos e Garcia (2015) que solicitou aos interagentes a elaboração de um relatório após cada interação.

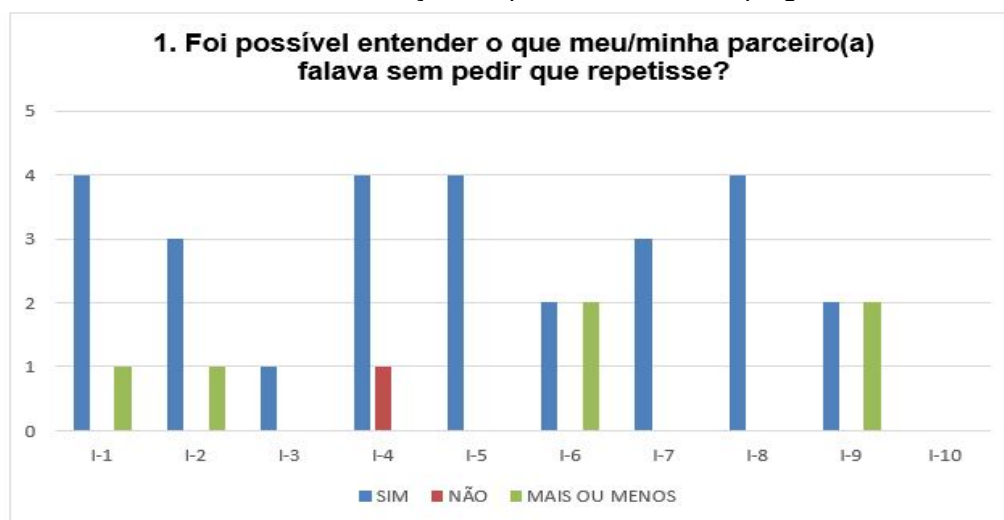
Para esta pesquisa, optamos por adaptar as questões propostas por Furtuoso (2011) e Muñoz (2014), elaborando um questionário de autoavaliação que permitisse a livre expressão dos (as) participantes e, ao mesmo tempo, transmitisse informações pontuais sobre sua aprendizagem, pois julgamos que seriam mais expressivos em relação aos nossos objetivos investigativos. Assim, selecionamos sete questões com opções de respostas quantitativas e qualitativas. Dentre essas questões, cinco perguntavam sobre a EO realizada na interação e duas versavam sobre a compreensão oral praticada. Embora tenham sido agendados oito encontros, a média de questionários respondidos é de quatro por participante, totalizando 34 questionários analisados.

Destarte, a amostra selecionada para análise desta pesquisa é referente aos (às) dez interagentes brasileiros (as), doravante (IB, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ou 10); usamos essa nomenclatura para manter sigilo sobre a identidade dos (das) participantes e porque nessa pesquisa IB se contrapunha a interagente equatoriano (IE). Assim, consideramos sujeitos participantes todos os envolvidos na pesquisa e como objeto de análise usamos os dados de IB.



Após o encerramento do projeto, dedicamo-nos a analisar os dados gerados, começando pela análise quantitativa das perguntas. Por isso, organizamos esta seção a partir dos gráficos gerados em cada questão. Desse modo, é possível visualizar a quantidade de respostas (sim, não e mais ou menos) para cada pergunta, o que permite uma noção geral da opinião dos (as) interagentes sobre seu próprio desempenho e sobre a colaboração do *Teletandem* para a EO. Abaixo da pergunta principal, há sempre um campo para observações ou perguntas complementares. Nesse espaço os (as) interagentes podem detalhar suas impressões sobre cada seção, dando maior liberdade para sua autoavaliação. Consideramos essa a parte qualitativa da análise, que será ilustrada com exemplos de respostas que correspondam aos casos analisados<sup>3</sup>. Vejamos a seguir a primeira questão analisada:

Gráfico 1 - Autoavaliação: respostas referentes a pergunta 1



■ Observações:

Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora (2019).

A primeira questão versa sobre a compreensão oral do (da) interagente. O objetivo é que a pessoa observe se há necessidade de repetição das palavras e frases ou se sua compreensão oral permite uma conversação mais fluida. Vemos que a maioria das respostas são positivas. O que demonstra que, ao longo das interações, houve pouca dificuldade de compreensão daquilo que o parceiro (a) equatoriano (a) falava. As respostas que indicam mais ou menos dificuldade podem ser interpretadas como uma situação pontual (uma palavra desconhecida, por exemplo), todavia não há comentários específicos.

Dentre os cinco questionários respondidos pelo (a) IB4, foi escolhida a opção sim, em quatro deles, e a opção não em apenas um dos questionários. No campo para observação aparece o seguinte comentário: “Tive dificuldade em entender em virtude da má qualidade do áudio, pedi para repetir e em alguns momentos a comunicação ficou inaudível”. Ou seja, houve necessidade de repetição da fala do (a) companheiro (a) não por uma dificuldade linguística, mas por falha dos equipamentos. Esse tipo de observação foi comum ao longo das interações, no entanto não foi determinante para

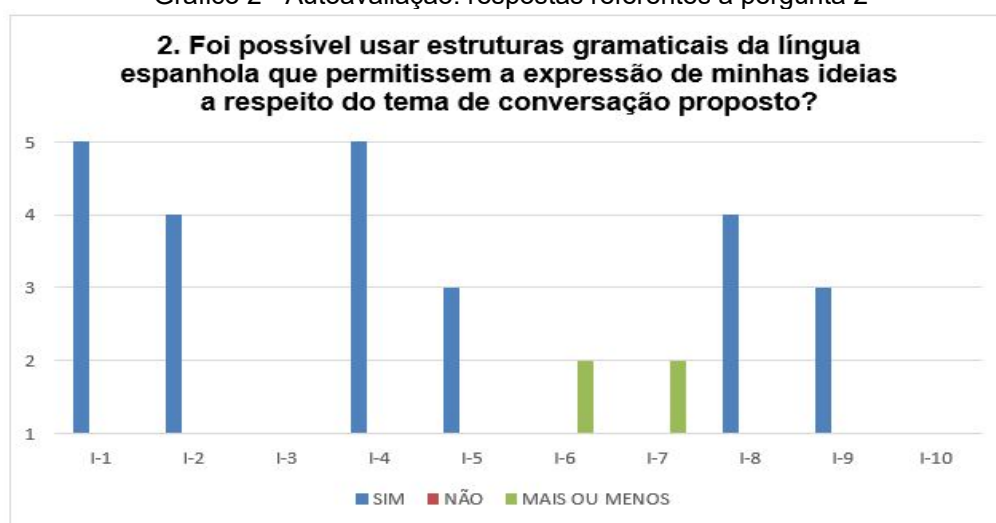
<sup>3</sup> As respostas são transcritas rigorosamente de acordo com a expressão dos (das) IB, tanto nos gráficos quanto nos exemplos selecionados para a análise das questões.



a realização das conversas, pois como vemos nas demais respostas, foi possível manter a conversação sem que as repetições fossem constantes.

Tomando a definição de Berges (2004), sobre compreensão oral, que contempla o reconhecimento de elementos linguísticos e a interpretação da mensagem, identificamos pelas respostas apresentadas que a relação entre decodificação e contextualização dos enunciados foram suficientes para manter a comunicação e concretizar o contato oral. Entretanto, cabe pensar sobre os resultados que indicam a opção mais ou menos, já que não fica claro se houve dificuldade auditiva de reconhecer a palavra, os sons, o ritmo da língua ou se houve problemas contextuais de interpretação da fala do (da) colega. Como não há comentários, entendemos que nessa questão uma das duas situações pode ter prejudicado a compreensão oral dos (das) interagentes, ainda que sem comprometer a comunicação. Já a segunda questão versa sobre a identificação de estruturas da LE. Vejamos a pergunta:

Gráfico 2 - Autoavaliação: respostas referentes a pergunta 2



- Estruturas novas que já uso sem problemas:
- Estruturas novas com as quais não tenho segurança ainda:

Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora (2019).

Observando o gráfico 2, vemos que a maioria dos (das) interagentes considera que foi possível utilizar as estruturas da língua espanhola. Apenas nessa questão, as opiniões expostas não sofreram alteração ao longo das sessões de conversa. Quem considerou possível usar tais estruturas manteve a mesma opinião em todos os questionários respondidos. Igualmente, quem considerou mais ou menos possível praticar as estruturas da língua espanhola ao expressar suas ideias, manteve essa resposta em todos os questionários, o que pressupõe pouca variação na dificuldade do uso de estruturas em espanhol. As perguntas complementares pediam exemplos de estruturas conhecidas e de estruturas com as quais ainda tinham problemas.

Dentre as observações dos (as) interagentes, destacamos a resposta de IB6, que nas duas vezes que respondeu essa questão optou pela alternativa mais ou menos, além de deixar a seguinte afirmação: “Consigo usar estruturas curtas, quando uma estrutura [é] mais complexa sempre pergunto como falar a palavra correta para meu parceiro. Minhas maiores dificuldades estão em utilizar a conjugação verbal correta e em saber se estou falando a tradução correta da palavra. Não tenho segurança em falar no



futuro. ” Nessa ocasião IB6, a partir da reflexão feita, conseguiu identificar alguns exemplos de uso da língua, como sugeria a questão.

Nesse caso, percebe-se que a interação foi importante para a identificação dos pontos negativos e positivos da sua performance, além de exercitar a aprendizagem, quando recorre ao parceiro (a) para sanar as dúvidas, como é proposto pelo *Teletandem*, a partir da troca de conhecimentos entre os participantes. Nessa ocasião, IB6 demonstra que foi possível realizar o que Pinilla (2004) define como EO, ou seja, o processamento, transmissão, intercâmbio e negociação de informações entre os interlocutores independente de possíveis conflitos linguísticos.

Porém, nem todos os participantes puderam dar exemplos de suas dificuldades e facilidades com o uso de estruturas da língua espanhola, o que parece ser uma tarefa difícil para alguns deles. Por exemplo, em sua resposta, IB2 identificou a seguinte dificuldade: “R, RR”. Nesse caso, notamos que houve uma confusão entre os fonemas que podem ser mais difíceis de pronunciar e estruturas próprias da língua. Portanto, podemos afirmar que houve um equívoco ao identificar o que seria ou não as estruturas da língua espanhola.

No *Teletandem*, é previsto momentos de mediação, nos quais, é possível auxiliar os interagentes, tanto em questões linguísticas quanto na relação com o (a) parceiro (a), no desenvolvimento das interações, no reconhecimento de suas dificuldades e facilidades com a língua alvo, na autoavaliação, entre outros impasses que possam surgir. Nessa versão do *Teletandem* na UFS não foi possível dedicar o tempo necessário para a mediação, porém consideramos que seja um momento importante na consolidação do conhecimento adquirido.

A pergunta três também propõe uma reflexão sobre a EO. Nesse caso, a questão pretende saber se as conversas são restritas a temas e vocabulários do cotidiano (rotina ou gostos e preferências, por exemplo) ou se é possível tratar de temas mais específicos que exijam maior conhecimento linguístico. Notamos que houve maior divergência nas respostas, pois, ao observarmos o gráfico 3, vemos que há variação entre as opções: sim e mais ou menos, o que prevê certa dificuldade ao tratar de temas mais distantes dos praticados em sala, por exemplo. Apenas IB3 respondeu que não foi possível se distanciar das conversas típicas do dia a dia, porém não explicou qual seria o motivo. Vejamos o gráfico:



Gráfico 3 - Autoavaliação: respostas referentes a pergunta 3



- Ideias com as quais me senti mais à vontade:
- Tive mais problemas com:

Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora (2019).

As respostas apontam que sim, foi possível falar de temas que não se prendessem às conversas do dia-a-dia. A maioria dos (as) interagentes não deram exemplos de ideias com as quais se sentiram mais à vontade ou que tiveram mais problemas, como vemos na resposta de IB4 ao tentar explicar suas dificuldades: “Formar algumas frases para expressar meu pensamento, mas consegui me expressar bem.” A opção sim, foi selecionada nas cinco vezes que se respondeu à pergunta ao longo dos encontros. Em seu comentário, IB4 reconhece que teve problemas ao se expressar, mas não consegue dizer quais.

O *Teletandem* proporciona uma conversação em contexto autêntico, ou seja, mesmo que haja alguma preparação para as interações, mesmo que os temas sejam previamente definidos, a proposta é que o diálogo se desenvolva espontaneamente. Por isso, é comum que haja necessidade de usar elementos linguísticos ainda não aprendidos ou, mesmo, que a conversa tome um rumo inesperado. A questão três propõe justamente uma reflexão sobre esses pontos, para que, se necessário, haja um estudo mais específico sobre os temas ou questões linguísticas que acabaram surgindo durante a conversação e, desse modo, as dúvidas sejam sanadas. Isso pode ocorrer a partir da iniciativa autônoma de cada interagente ou pode ser compartilhada no momento de mediação.

A pergunta 4 faz referência a um aspecto específico da EO: a pronúncia. O objetivo da pergunta é saber se os (as) interagentes identificaram as palavras com as quais têm maior dificuldade de articulação e se durante a sessão houve problemas na compreensão da pronúncia dessas palavras por parte dos colegas de interação. No gráfico 4, notamos que houve variação nas respostas, pois em alguns questionários os (as) interagentes marcaram sim, e, em outros, marcaram mais ou menos. Não houve resposta negativa, o que nos leva a entender que a dificuldade na articulação em espanhol é baixa.

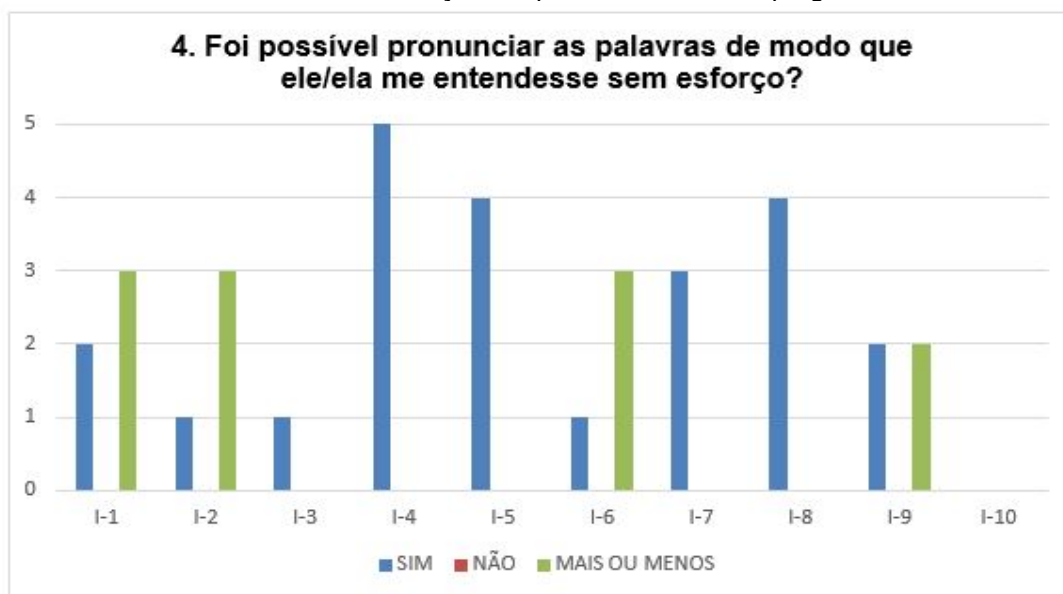
Nessa questão, não houve comentários por parte dos (as) interagentes. Portanto, entendemos que pode ter havido dificuldades pontuais, mas não recorrentes com a mesma palavra, a ponto de não podermos identificar um fonema que proporcionasse



maior dificuldade de pronúncia. De todo modo, essa pergunta acarreta reflexão sobre a performance dos (das) interagentes e auxilia a identificar suas dificuldades, bem como um ponto de partida para saná-las.

Segundo Baralo (2000), a pronúncia é um dos parâmetros que assegura a eficácia comunicativa, evitando que se forme um muro entre a fala e a compreensão. Assim, apesar de possíveis imperfeições na articulação, é provável que os (as) equatorianos (as) tenham entendido o que os (as) brasileiros (as) expressavam, explicando a seleção da opção mais ou menos. Observemos o gráfico a seguir:

Gráfico 4 - Autoavaliação: respostas referentes a pergunta 4



■ Tive dificuldade(s)? Qual(is)?

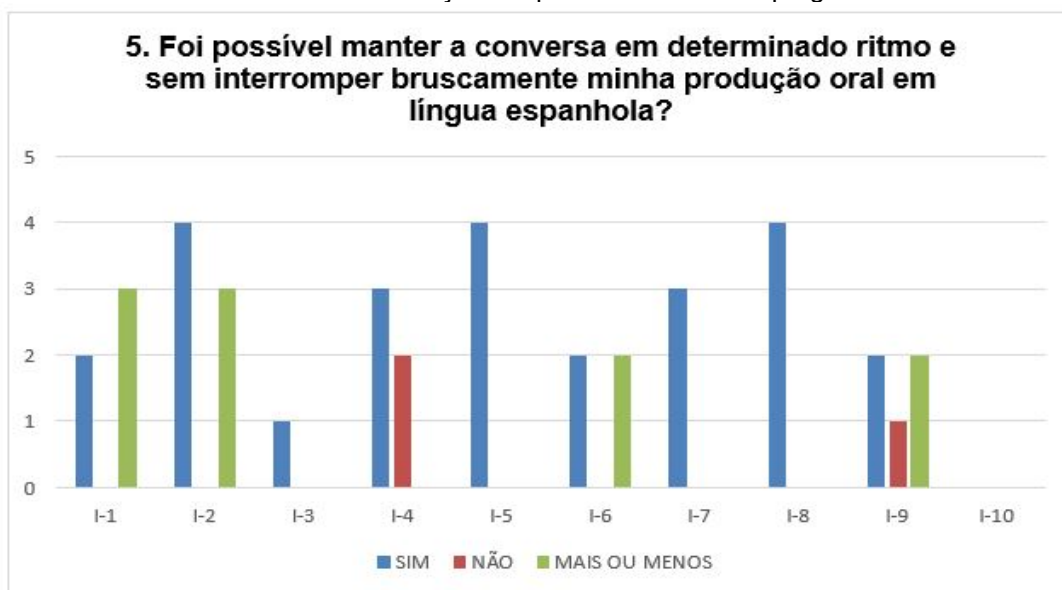
Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora (2019).

Cabe ressaltar o exemplo de IB2, que havia mencionado ter dificuldades com: “R, RR”. A menção ocorreu na questão 2, ou seja, em uma questão que não correspondia a dificuldades de pronúncia. De forma mais explícita, em outra ocasião foi registrada a seguinte observação na questão 1 do questionário: “Tive algumas dificuldades em pronunciar algumas palavras com R”. As respostas não são adequadas às perguntas, porém indicam as preocupações do (da) interagente. Portanto, é possível afirmar que IB2 pode identificar problemas de pronúncia ao longo do *Teletandem*, o que explica a sua escolha predominante pela opção mais ou menos, em três ocasiões, e a seleção da resposta sim, apenas uma vez, ao se autoavaliar na questão 4 do questionário.

Entendemos, que a repetida menção a uma dificuldade, mesmo que na pergunta inadequada, reflete a percepção do (a) falante em relação a sua performance. Revuz (1998) defende que a falta de sentido na aprendizagem pode gerar uma sensação exacerbada de erro, com foco no aspecto da língua que não está claro para o aprendiz. Em relação à pronúncia, Revuz (1998) e Baralo (2000) atestam a importância de o (a) aprendiz discriminar os sons de cada língua para se distanciar da articulação da LM e poder então se aproximar da LE, essa discriminação daria sentido ao produzir uma ou outra articulação. Nesse caso, aparentemente IB2 ainda não consegue fazer tal distinção.

A pergunta 5 oportuniza uma análise sobre a fluência, por isso questiona o ritmo da conversa e as possíveis interrupções. Vemos no gráfico que há alternância nas respostas, provavelmente em determinada interação houve maior interrupção que em outra. A maioria das respostas apontam que, sim, foi possível manter o ritmo da conversa. Todavia, as opções mais ou menos e não também aparecem, o que pode indicar um nível maior de dificuldade nessa questão em relação às demais, já que a interrupção, quebra do ritmo ou da fluência pode ocorrer por inúmeros motivos além de problemas na EO ou na compreensão oral. Na sequência expomos os resultados da quinta pergunta do questionário de autoavaliação:

Gráfico 5 - Autoavaliação: respostas referentes a pergunta 5



■ Se não ou mais ou menos, por quê?

Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora (2019).

Dentre os exemplos apresentados nas respostas, destacamos o comentário de IB6: “Interrompi a fala para pesquisar algumas traduções de palavras para que eu pudesse explicar melhor. ” Essa resposta mostra que, diante do desconhecimento de vocabulário, foi necessário interromper a comunicação. Tratando-se de um contexto de ambiente virtual, o (a) interagente aproveita para pesquisar a tradução de uma palavra. Esse tipo de estratégia se mostrou recorrente, pois o acesso à *internet* durante as interações facilita a resolução desse tipo de conflito. No entanto, não foi rápido o bastante, causando, mesmo assim, a ruptura no diálogo.

Notamos que a tradução on-line funciona como ferramenta de comunicação, o que caracteriza as estratégias de comunicativas utilizadas no *Teletandem*. Em uma situação presencial, talvez não fosse possível se beneficiar desse tipo de ajuda, porém nos encontros virtuais pode ser uma forma de facilitar a interação. Essa resposta também nos remete aos elementos que interferem na linguagem mencionados por Baralo (2000) e Baptista (2016), já que esses recursos estão presentes principalmente no ambiente digital.

Outras estratégias costumam ser usadas pelos participantes, como envio de fotos ou *links* quando não conseguem explicar suas ideias ou uma palavra específica, como vemos nas respostas da pergunta 6.



Na questão 6 é predominante a resposta sim, ou seja, foi possível se expressar em espanhol, mesmo sem saber as palavras ou ideias exatas para expressar o que se queria dizer. Entretanto, as respostas mais ou menos e não também aparecem. Consideramos que ao transmitir ideias ou expressões desconhecidas em espanhol foi necessário um maior esforço linguístico e de estratégia de conversação, de modo que nem sempre se chegou à comunicação de fato, o que explica os índices negativos nas respostas. Observemos o gráfico:

Gráfico 6 - Autoavaliação: respostas referentes a pergunta 6



▪ **Qual(is) foi(ram) a(s) palavra(s) ou expressão(ões)?**

Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora (2019).

Ao analisar os exemplos de ideias que foi possível comunicar, mesmo sem saber seu equivalente em espanhol, destacamos a resposta de IB9: “Cuscuz e milho”. Ressaltamos esse exemplo, pois demonstra um elemento cultural presente na conversação, o que pode enriquecer a troca de saberes. Em contrapartida, os elementos culturais são mais difíceis de serem explicados, pois são muitas vezes algo particular de cada região, o que requer maior esforço por parte do (a) falante. Dentre as estratégias utilizadas nessas ocasiões, a explicação do que seria a palavra ou objeto, bem como sua descrição, foi bastante recorrente ao longo das interações. Caso ainda não ficasse claro do que se tratava, utilizavam então de imagens, *links* ou tradução, como mencionamos anteriormente.

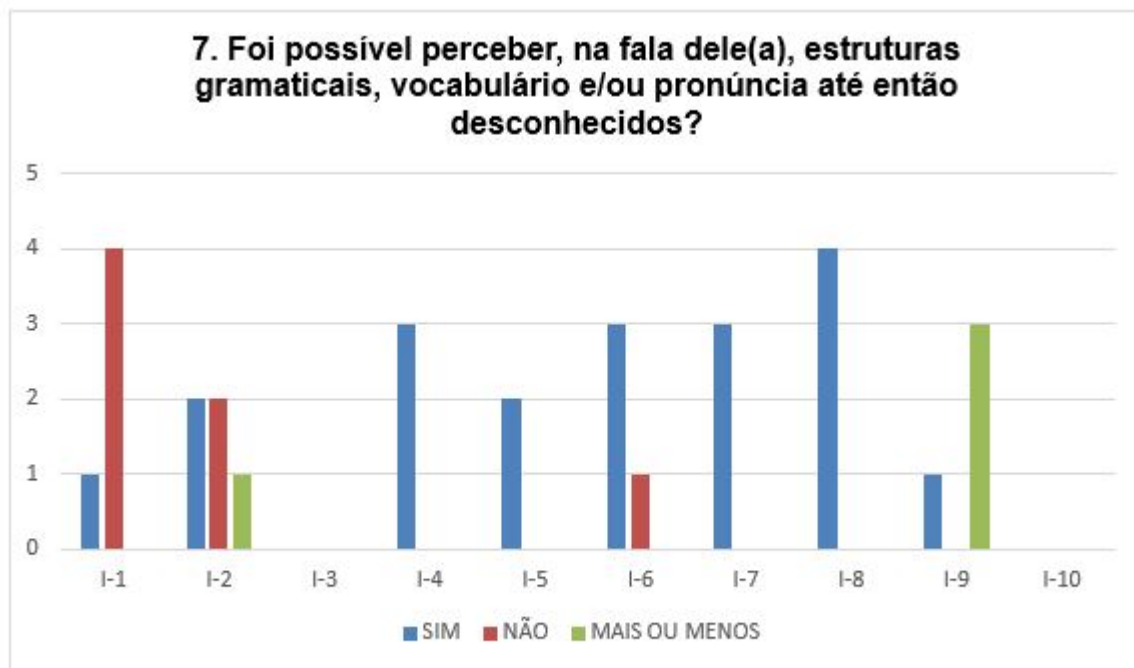
De acordo com Pinillia (2004), faz parte da EO o uso de estratégias para evitar a interrupção do diálogo ou mesmo para compensar qualquer falha comunicativa. Vemos que, no ambiente virtual, tais estratégias são reformuladas ao se explorar os recursos da rede de *internet*.

Finalizamos o questionário com a segunda pergunta de compreensão auditiva, nesse caso buscamos saber se a compreensão estava para além da mensagem, e se foi possível absorver mais o uso da língua na sua prática. A questão 7 foi a que mais apresentou respostas negativas. Mesmo assim, há um predomínio da resposta sim, indicando que foi possível perceber na fala do (a) companheiro (a) elementos



desconhecidos até aquele momento. Apenas IB1 pode exemplificar uma estrutura até então desconhecida: “Sí. Nosotros acá en Brasil hablamos ‘JOGAR LIXO NA PRAIA’, pero ellos en Ecuador hablan ‘Botar la basura’”. Destaca-se na frase a diferença entre LM e LE no uso de vocabulário e verbo para expressar uma ideia, enquanto mantém-se a estrutura sintática. Perceber novas estruturas não é tão simples, pois é preciso estar atento à mensagem e à forma pela qual é transmitida, talvez, por isso, poucos participantes deixaram observações nessa questão. A seguir o gráfico:

Gráfico 7 - Autoavaliação: respostas referentes a pergunta 7



Qual(is)?

Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora (2019).

Assim, notamos mais uma vez a complexidade da aprendizagem e prática de uma LE, bem como as características da EO, como a percepção dos sons e sua articulação, a interpretação do contexto da mensagem e seu sentido, além do significado da mensagem propriamente. Nesse viés, Berges (2004) assinala a importância da inferência para a compreensão oral como complementação entre a decodificação e o não dito, aspectos desenvolvidos nas interações.

Buscamos através deste artigo demonstrar os passos necessários para a aplicação do *Teletandem* e refletir a respeito da prática da EO em contexto híbrido ensino à nível universitário.

A análise, aqui feita, expõe resultados positivos em relação às respostas dadas pelos (as) participantes da pesquisa referente aos aspectos da EO que podem ser explorados a partir do *Teletandem*, como por exemplo: a compreensão oral, a assimilação de novas estruturas da LE, a possibilidade de explorar assuntos para além do ambiente de sala de aula, a conscientização sobre a própria pronúncia, progresso da fluência e uso de estratégias comunicativas.

Em consequência deste resultado, podemos afirmar que a aplicação do *Teletandem*, quanto uma proposta colaborativa e autônoma, favoreceu a prática EO dos (as) alunos (as) envolvidos.



## Considerações finais

A aplicação do *Teletandem* na UFS, ainda que em caráter piloto, demonstra que, apesar dos possíveis percalços (como os problemas técnicos), a conversação virtual através dessa proposta pode otimizar o uso da tecnologia digital voltada para o ambiente educacional. De igual maneira, ficou demonstrado o cunho flexível da proposta ao dar autonomia aos (às) interagentes e ao (à) professor (a) /mediador (a), para adaptar sua aplicação de acordo com cada contexto e participante. Desse modo, a sugestão aqui apresentada é que a interação síncrona seja o momento de colocar em prática os conhecimentos linguísticos e que a própria prática de interação seja objeto de reflexão, nesse caso presencialmente junto ao (à) professor (a) / mediador (a), caracterizando, assim, o contexto híbrido de ensino.

Os resultados obtidos com a análise das respostas dos questionários de autoavaliação afirmam que os dez alunos (as) do curso de Letras Espanhol da UFS consideram possível a prática da compreensão oral, a assimilação de novas estruturas da LE, a possibilidade de explorar assuntos que vão além do ambiente de sala de aula, a conscientização sobre a própria pronúncia, o progresso da fluência e de estratégias comunicativas através do *Teletandem*, salientando que essa é uma proposta positiva para a prática da EO.

As respostas também apontam para a necessidade de maior mediação na prática do *Teletandem*, já que os (as) participantes tiveram dificuldade em identificar e exemplificar suas respostas. Isso se deu nas três opções de resposta (sim, não e mais ou menos), revelando que apesar de poderem detectar o seu grau de atuação na conversa, os detalhes e elementos linguísticos em questão não foram inteiramente assimilados. Como mencionamos, o tempo destinado à mediação na aplicação do *Teletandem* na UFS foi muito curto, tomando como média as instituições que já têm o projeto consolidado (cerca de uma hora por sessão), o que indica a importância dessa etapa no trabalho via *Tandem*.

Desse modo, consideramos como limitação desse estudo o fato de ser uma proposta piloto, de que não houve tempo suficiente para explorar a mediação e para auxiliar melhor os (as) interagentes quanto às concepções linguísticas como: diferenciação entre estrutura da língua e estrutura fonética da língua. Essas situações são lacunas a serem exploradas em futuras aplicações do *Teletandem*, favorecendo a performance dos (as) interagentes.

Para responder nossa questão de pesquisa, concluímos que o *Teletandem* oportuniza o engajamento dos (as) alunos (as) na própria aprendizagem; favorece o compartilhamento de diversas inteligências a partir da troca de experiências no ambiente virtual, uma vez que essa troca requer diálogo, interação e não um simples contato; proporciona um trabalho com a linguagem de forma bastante abrangente, pois envolve aspectos verbais, visuais, auditivos e a troca cultural mediado não apenas por uma língua, mas por duas, quebrando o paradigma monolíngue de ensino; além de colaborar para a prática da EO, como indicam as respostas analisadas nos questionário de autoavaliação.

## Referências

ARANHA, Solange; CAVALARI, Suzi Marques Spatti. A trajetória do projeto teletandem brasil: da modalidade institucional não-integrada à institucional integrada.

**ESpecialist**, São Paulo, v. 35, n. 2, 2014. Disponível: <<http://revistas.pucsp.br/esp/article/view/21467/15694>> Acesso: 10 de mar. 2019.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Multiletramentos, letramento visual e ensino de espanhol: algumas questões sobre as práticas comunicativas contemporâneas. In: BAPTISTA, L. M. T. R. (Org.) **Autores e produtores de textos na contemporaneidade: multiletramentos, letramento crítico e ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1 ed. v.1, 2016.

BARALO, Marta. El desarrollo de la expresión oral en el aula de E LE. **Carabela**, n. 47, Madrid: SGEL, 2000.

BERGES, Manuela. La Comprensión Auditiva. In: SÁNCHEZ LOBATO, J.; SANTOS GARGALLO, I. **Enseñar español como segunda lengua (L2) y como lengua extranjera (LE)**. Vademécum para la formación de profesores. Madrid: SGEL, 2004.

ERES FERNÁNDEZ, Gretel; MACIEL, Alexandra Sin. La oralidad en el proceso de enseñanza y aprendizaje del español como lengua extranjera: algunas reflexiones. **Linguagem & Ensino**, v.10, n.2, 2007.

FURTOSO, Viviane Aparecida Bagio. **Desempenho oral em português para falantes de outras línguas: da avaliação à aprendizagem de línguas estrangeiras em contexto online**. 284 f. Tese (Doutorado em Biociência, Letras e Ciências Exatas) Universidade Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2011.

GARCIA, Daniela Nogueira de Moraes. Logística das sessões de interação e mediação no teletandem com vistas ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 44 (2): p. 725-738, maio-ago. 2015.

KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias. O redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 8 1998. p.58-71.

LA CORTE, Raquel dos Santos. **Sujeito-língua-tecnologia: Marcas de uma relação complexa em enunciados produzidos em diferentes práticas de ensino/aprendizagem de espanhol (EAD e presencial) em meio digital**. 312 f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LEFFA, Vilson José. O ensino de línguas estrangeiras nas comunidades virtuais. In: IV SEMINÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 2001, Goiânia. **Anais do IV Seminário de Línguas Estrangeiras**. Goiânia: UFG, 2002. v. 1, p. 95-108. <<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/comunidades.pdf>> Acesso: 24 jun. 2019.

MUNOZ, Ângela Maria Erazo. Ficha 2. In: OLMO, F. del C; RAMMÉ, V. (Ed.). **MANUAL DE TANDEM Guia para uma aprendizagem solidária**. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2014. Disponível: em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4085366/mod\\_resource/content/1/Manual%20em%20portugu%C3%AAs.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4085366/mod_resource/content/1/Manual%20em%20portugu%C3%AAs.pdf)> Acesso: dez. 2019.

PINILLA GÓMEZ. Raquel. La Expresión Oral. In: SÁNCHEZ LOBATO, J.; SANTOS-GARGALLO, I. **Enseñar español como segunda lengua (L2) y como lengua extranjera (LE)**. Vademécum para la formación de profesores. Madrid: SGEL, 2004.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: Signorini, I. (org.). **Língua(gem) e Identidade: elementos para discussão o campo aplicado**. Campinas, Mercado de Letras, 1998.



VASSALLO, Maria Luisa; TELLES, João Antonio. Ensino e aprendizagem de línguas em tandem: princípios teóricos e perspectivas de pesquisa. In: TELLES, João A. (Org.) **Teletandem: Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

---

**Recebido:** 03/12/19

**Aprovado:** 14/05/20

**Como citar:** BOTELHO, G. R. Teletandem: desafios, sucessos e reflexões sobre a expressão oral em espanhol como língua estrangeira na UFS. **Revista de Estudos e Pesquisa sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 6, e097020, 2020.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

